

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 285/2013

A GRANDE BELEZA

Eu queria muito falar sobre o contrato de compra dos caças suecos que considero uma das decisões mais acertadas da Presidenta e uma das operações mais benéficas para o Brasil dos últimos tempos. Entretanto, eu fui ver “A Grande Beleza”; vi uma e logo duas vezes, e não posso resistir ao impulso de tocar neste tema, até como bom presságio neste meu primeiro Correio de 2014.

É um filme que só os italianos poderiam fazer; exclusivamente eles, como foi o caso da “Dolce Vita” de Fellini: só italianos. Não pelo talento, pela expertise, pela arte, mas pelo próprio ser, pela vivência, o filme “é” italiano. Há filmes, como há livros, que têm uma nacionalidade no próprio ser. “E o vento levou” “é” um filme americano, como “Belle de jour” “é” um filme francês, para ficar só com exemplares dessas três grandes tradições cinematográficas.

O filme de Sorrentino tem, aliás, muito a ver com o de Fellini dos anos cinqüenta: a anã empresária, o cardeal e a Santa são figuras nitidamente felinianas, e todo o desenrolar daquela frenética busca em Roma da beleza perdida da juventude evidencia a lembrança da Dolce Vita. Um gancho para críticos mordazes e azedos falarem de repetição.

Mas o filme puxa outras referências também: o personagem Jep Gambardella, um escritor e jornalista do “grand monde”, é o próprio Petrônio romano, o Árbitro da Elegância, e o filme se desenrola como um Satiricon do século XXI, com algumas impressionantes imagens em pedra do tempo de Nero, inclusive o belo Coliseu, bem na frente do apartamento.

O filme nos faz pensar e repensar, sobre a beleza, sobre a emoção da beleza, e sobre a civilização como criadora de beleza; sobre nossas raízes tão profundas naquela secular cidade santa e devassa. Bela, sobretudo. Toni Servillo perfeito no papel principal, nos gestos, nas falas e até mesmo nos vincos da face, próprios de uma maturidade cansada que já viveu tudo.

É longo o filme, há quem se canse um pouco da repetição das cenas de futilidade intelectualizada. No meu julgamento, entretanto, o enfiamento é proposital e necessário, faz parte da caracterização da vida daquela gente retratada, e não produz a lentidão típica do filme chato.

Enfim, digo isso tudo para recomendá-lo aos amigos que gostam de cinema e não buscam na tela apenas a diversão com o fim de matar o tempo. Aqueles que não sentem a necessidade do puro entretenimento; que preferem o relaxamento, necessário e valioso, produzido por outros meios: por uma boa caminhada, pela meditação ou pela contemplação; ou ainda pela oração.

Eis, a meu juízo, outra boa sugestão além de assistir ao filme comentado: uma oração calma e profunda na abertura deste ano de 2014, o ano do cinqüentenário do golpe militar no Brasil; o do centenário da primeira grande guerra devastadora na Europa; o de uma eleição muito importante para o destino do nosso País. Uma oração a Deus acompanhada de uma meditação dedicada a esses três temas.

Aos amigos, um Ano Novo cheio de Paz e de Luz.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br